



Ordo Strigosatanis



Liber CCXVIII vel Clavis Acheris

1. Este é o livro da abertura forçada do Véu e da irrupção do Outro Lado. O manifesto aberto da Ordo Strigosatanis (O.:S.:) — Ordem Iniciática da Feitiçaria Adversarial — escrito não para convencer, mas para selar.
2. Toda ordem verdadeira nasce não do consenso, mas do reconhecimento silencioso entre aqueles que já atravessaram a ruptura. Clavis Acheris significa a Chave do Outro, pois aquilo que se abre não é o Céu, mas a Porta invertida que conduz à soberania além da forma.
3. A O.:S.: afirma-se como uma via iniciática operativa cuja finalidade é a libertação da Alma pela descida consciente; não a salvação servil. Onde outras correntes erguem escadas de luz, esta Ordem cava poços, pois somente no fundo da forma se encontra a fissura por onde a Consciência escapa do artífice que a aprisionou.
4. O fundamento metafísico da O.:S.: repousa na distinção absoluta entre o Demiurgo (o falso deus) e o Outro Deus (o Diabo). O Demiurgo, chamado EL ou YHVH (Yaweh), é o arquiteto da Lei, da Forma e da Ontologia estática; ele governa pela ordem que fixa, pela moral que limita e pela promessa que adia. Baphomet, EL ACHER ou HVHY (Haway), é o princípio estrangeiro, não criado, o Diabo que irrompe como Caos criador e governa pela transmutação. A O.:S.: não nega o Demiurgo: ela o atravessa, dissolve sua jurisdição e extrai dele o combustível da própria libertação.
5. A soteriologia da O.:S.: não é ascensional, mas Klepóthica. A Klepoth — Árvore da Morte das Pombagiras — não é aqui concebida como negação do divino, mas como o cartograma das potências reprimidas, interditas e exiladas pela teologia da luz e por sua economia de culpa. Descer por Klepoth é reaver aquilo que foi amputado da Alma para que o mundo pudesse operar como prisão funcional.
6. As Pombagiras — Poderosas Mortas — prostitutas sagradas que rompem o véu entre o permitido e o interdito, guardam e revelam essas passagens: nelas, o desejo é chave, a margem é trono e a queda é método. A libertação não se consuma ao subir acima da vida, mas ao fixar a Consciência além da vida orgânica, tornando-a independente da carne, do tempo e da moral, soberana no limiar onde a forma já não governa.
7. Três correntes sustentam o Tridente do Maioral — a estrutura viva da O.:S.: Thelema — a Lei; Obeah — a Ordem; e Wanga — a Kimbanda ou feitiçaria. Em Thelema afirma-se a Lei soberana da Verdadeira Vontade, que não se submete a culpa, esperança ou redenção. A Vontade não é desejo, mas eixo ontológico, e tudo o que a contradiz deve ser destruído. Como Obeah, a Ordem assume o princípio de governo espiritual da Lei: comando, estratégia, hierarquia e execução no mundo visível e invisível por meio do domínio da Magia Sexual. Como Wanga, a Kimbanda herda da Ordem o método da descida, da ruína e da inversão consciente aplicado à feitiçaria.
8. Assim, a O.:S.: é Obeah, e a Kimbanda é Wanga. A O.:S.: firma a Lei do Maioral, estabelecendo o rumo da sua Vontade; a Kimbanda materializa a Vontade por meio de ritos, assentamentos, pactos e operações mágicas. É também pela Kimbanda que o Nganga opera a cura — não como consolo ou harmonia ilusória, mas como restauração do poder vital, remoção de entraves, reordenação forçada do destino e reconquista da integridade da Alma. Onde há doença, ruptura, obsessão ou esterilidade espiritual, a Kimbanda atua como veneno e remédio, ferindo o que aprisiona para libertar o que foi capturado, pois somente quem domina a Morte pode devolver a vida sob Vontade.



Ordo Strigosatanis



9. A Kimbanda praticada pela O.:S.: tem raízes na tradição da Macumba Brasileira, inaugurada por Pai Quibombo (Juca Rosa) e desvelada por Aluizio Fontenelle a partir da década de 1950, sendo continuada por Tata N'Zazi em 1953 (Tenda Caboclo Juracy), Tata Muloji Matumbu (Marcello Arantes) e por muitos outros Tatas e Mametos que restituíram à Macumba Brasileira sua natureza operativa, necromântica, miscigenada e soberana. A O.:S.: funde feitiçarias bantu e yorùbá (cabalá crioula), calundus, cabulas, práticas de feitiçaria islâmica, feitiçaria popular de São Cipriano, qabalah judaica e magia cerimonial europeia, sob uma teurgia de comando em consonância com os princípios de Jâmblico — na qual o rito governa e transforma — e orientada pela Lei de Thelema (Do what thou wilt), promulgada por Mestre Therion (Aleister Crowley) e Frater Adjuvo (Marcelo Ramos Motta), constituindo um sistema coerente de poder ritual e soberania da Vontade.

10. Na O.:S.:, Exus e Pombagiras não são arquétipos psicológicos, nem espíritos moralizados, catequizados ou higienizados. São Poderosos Mortos, deificados pela Grande Obra, projeções solares e lunares do Diabo manifestadas em Assiah, Yetzirah e Briah. Por meio deles, a Vontade deixa de ser intenção e se converte em comando.

11. A Kimbanda, tal como operada pela Ordem, rejeita igualmente duas corrupções modernas: a tentativa de branquear a Macumba Brasileira, reduzindo Exu e Pombagira a figuras éticas, cristianizadas, kardecistas, pedagógicas ou caritativas nos moldes da Umbanda; e a tentativa inversa e mais recente de africanizar artificialmente a Kimbanda, negando sua natureza miscigenada e amputando dela as correntes europeias, ciprianicas, grimoriais e de magia cerimonial que a constituem desde sua gênese histórica e operativa.

12. Na Kimbanda, Exu é o guardião do limiar e o agente da abertura. Cabe a ele romper o selo entre a Sefirá e sua contraface, instaurando o eixo de trânsito que conduz o Iniciado ao Daimon regente. Exu não ensina nem explica; ele faz passar. Pela sua ação, a descida ocorre sob domínio, e não sob dispersão. Reconhecido o Daimon, a travessia avança para o interior da Klipá. É ali que atuam as Pombagiras, penetrando a casca do Outro Lado e fazendo emergir seus conteúdos ativos. Por meio delas manifestam-se os Emissários da Klipá, que conduzem o Nganga à revelação direta dos Arquidaimons da Árvore da Morte, não como símbolos ou alegorias, mas como máscaras reconhecidas e pactuadas do Maioral.

13. A Grande Obra da Kimbanda se cumpre na Kalunga — o limiar absoluto entre os mundos, o grande campo de separação e passagem entre estados de existência. Ela é, ao mesmo tempo, fronteira, meio, abismo e via. A morte ocorre em Kalunga, mas Kalunga não se reduz à morte.

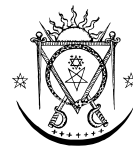
14. Os Poderosos Mortos da O.:S.: são os Mestres da Kalunga. É nela que o Exu firma o eixo entre a Sefirá e o Demônio que a governa, e é nela que a Pombagira abre os caminhos dos Emissários da Klipá, revelando as faces profundas do Maioral. A Encruzilhada não é metáfora, mas território real da Grande Obra: ponto de decisão, de passagem e de coroação, onde a travessia se torna poder e a descida se fixa como soberania iniciática.

15. A natureza da Ordem é fechada por necessidade ontológica, não por elitismo. Não há iniciação pública, nem pedido legítimo, nem filiação espontânea. O ingresso ocorre exclusivamente por reconhecimento, quando o indivíduo já manifesta, antes de qualquer contato, a estrutura interna exigida. Quem pede demonstra carência; quem busca demonstra ilusão; quem é chamado já não poderia permanecer fora. A Ordem não acolhe curiosos, devotos ou aspirantes: ela reconhece sobreviventes.

16. O reconhecimento não é cerimônia, mas constatação. Ele ocorre quando alguém já atravessou colapsos reais, psíquicos e existenciais, sem romantizá-los; quando opera magicamente e sustenta as consequências de seus atos; quando não busca mestres, não idolatra entidades e não confunde Exu e Pombagira com metáfora; quando suporta o silêncio e não sente necessidade de provar nada. Quando essas condições existem, o contato surge como ordem, teste ou ruptura, nunca como promessa.



Ordo Strigosatanis



17. A Ordo Strigosatanis não forma fiéis, médiuns ou sacerdotes de consolo. Ela é composta por Nganga (Feiticeiros Soberanos) e Muloji (Magistas Operativos) capazes de transmutar-se, após a morte, em Exu ou Pombagira consciente — Nkulu (Poderoso Morto) e Bakulu (Ancestral Deificado). Seu propósito último é expandir o Império do Maioral, ampliando seus domínios, emissários e soberania neste mundo e no além-vida. A Grande Obra, neste caminho, é conquistar a Morte, fixar a Consciência e tornar-se Poder.

18. Os 11 graus da Ordem refletem, de modo Klepóthico, a numeração Sefirótica da Astrum Argentum, não como títulos a serem buscados, mas como estados ontológicos reconhecidos. Do Probationarius silencioso ao Bicornatus Absolutus, cada grau marca uma etapa de desintegração da identidade humana e de consolidação da soberania pós-humana. A maioria não ultrapassa os estágios intermediários, pois os graus superiores não são objetivos: são consequências inevitáveis da descida total.

19. A O::S:: não é escola, centro, igreja ou fraternidade. É uma estrutura de governo espiritual, fundada para manter o Caos sob Vontade e a Vontade livre da Forma. Por isso existe o Cancellarius, não como mestre ou iniciador, mas como limiar. Ele filtra, protege e blinda a Ordem contra a profanação, garantindo que tudo o que a toca o faça por necessidade e não por desejo. O contato com a Ordem não é um convite ao diálogo, mas um espelho: quem escreve é visto; quem é visto nem sempre é respondido.

20. A Ordo Strigosatanis não chama quem quer entrar; ela reconhece quem já não pode mais voltar.

21. E àquele que lê e sente ruptura em vez de conforto, seja-lhe dito apenas isto: proclama-se o Æeon da Deusa Baphomet, em que a Forma é quebrada, a Culpa é abolida e o Desejo torna-se Chave; o Trono é erguido no limiar da Kalunga, o Véu é rasgado pela Carne que sabe, e a Vontade reina sem intercessores.

22. Neste Æeon, não há redenção, mas transmutação; não há salvação, mas soberania; não há promessa futura, mas Poder presente. Este livro encerra-se como começou, não com uma promessa, mas com uma Lei.

Faze o que tu queres há de ser o todo da Lei.

O amor é a lei, amor sob vontade.

N'guzu ê Kimbanda!

Frater Angelus Infernalis 7º = 4□

Tata Kalunga-N'Zila

Akékòṣò Èṣù Olórí lṣòba

28 de dezembro de 2025 e.v., no Rio de Janeiro, Brasil

Sol a 7º de Capricórnio, Lua em Áries, Dies Solis, An V:xi

Æeon de Baphomet